

“SER E FAZER”: UMA PROPOSTA DE OFICINA NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

ANDREWS DUBOIS JOBIM¹; DOUGLAS GADELHA SÁ²; KELIN VALEIRÃO³

¹Universidade Federal de Pelotas – ajobim@protonmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – douglasgadelhasa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – kpaliosa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

É preciso reconsiderar as práticas docentes em sala de aula: eis uma velha frase da vasta bibliografia na área da Educação. Apesar de batida esta frase parece fazer cada vez mais sentido, pois os contextos que habitamos mudaram (e seguem mudando) radicalmente em um curto período de tempo. É preciso repensar a educação conforme o avançar da história, pois esta se transforma nas relações sociais, nas estruturas de governo, nos interesses econômicos etc. Contudo, o que essa frase não parece ter dado conta na maior parte de suas aplicações é justamente o que há muito silenciosamente se desenvolve e que cada vez mais se impõe como forma de pensamento dominante: o pensar técnico que assalta o mundo em nome de uma racionalidade “esclarecedora” e operacional, que exige de tudo utilidade, racionalidade e objetividade, relegando a subjetividade e o sentimento ao título de ‘restos desagradáveis’ no processo de construção do saber.

Assim é criada a oficina “Ser e fazer: o que o corpo compreende”¹, a qual oportuniza uma reflexão sobre a tradicional divisão metafísica do ser humano em corpo, alma e espírito, abordando o quanto o corpo é capaz de expressar esta divisão e como o outro também se coloca no mundo como um ser complexo. Essa abordagem parte dos estudos da fenomenologia, em especial de Martin Heidegger e os desdobramentos teóricos que este causa no século XX, na nova abertura do ser humano enquanto existente e sua situação no mundo. O objetivo da oficina é a compreensão através da sensibilidade, apresentando conceitos complexos sem apelar à abstração. Além disso há a problematização das relações do eu e do outro, identificando as práticas de redução das formas de existência humana nas esferas da vida cotidiana. Nesse sentido os participantes são convidados a refletir sobre e em si próprios a partir dos três momentos: o corpo, a alma e o espírito.

2. METODOLOGIA

O surgimento da base teórica acontece a partir de uma compreensão geral de certas questões e problemas que surgem ao longo da História da Filosofia. Essas questões permeiam e compõem a trajetória acadêmica do curso de Filosofia (licenciaturas e bacharelados) em geral ofertado no país. Porém, no contexto da licenciatura faz-se salutar um movimento de transposição didática dos conteúdos

¹ Preparada para a ocasião da “XI Olimpíada de Filosofia do Rio Grande do Sul” no ano de 2018, em Outubro na cidade de Pelotas. A atividade nesta primeira oportunidade não teve a recepção e participação esperada, sendo de fato experienciada durante as atividades do núcleo de Filosofia e Ciências Sociais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência que atua no Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Pelotas, durante o 1º semestre de 2019. Desta vez contou com uma participação que gerou um retorno muito interessante e motivou os autores a apresentar em demais ocasiões e nessa ocasião do CEG 2019.

filosóficos para a realidade do ensino médio. Assim, foi selecionada a discussão antropológica antiga, que fora mantida, apesar de algumas transformações, ao longo da história do pensamento. Os conceitos de “corpo”, “alma” e “espírito” representam uma concepção média desse horizonte filosófico ‘comum’, que se estende da antiguidade à contemporaneidade. Daí, a importância de revisitar os clássicos como Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) enquanto a principal referência teórica (até nos contrapontos). Os parágrafos referentes à compreensão se encontram na obra *Ser e tempo*, de Martin Heidegger (1889 - 1976), e serviram como fonte de inspiração para um trabalho que explorasse âmbitos além do intelectual.

A noção de transposição didática impõe uma forma de apresentação dos conteúdos que permite a própria relação compreensiva: uma oficina. Foi escolhido a forma da oficina pois esta oportuniza uma relação que não reflete necessariamente uma hierarquia, promovendo uma apropriação dos saberes pelos alunos em e pelo conhecimento mesmo. É a partir dessa situação que a reflexão sobre as possibilidades de subversão dos métodos pedagógicos se impôs, pois havia a necessidade de superar a dicotomia resultante da forma de pensar técnica. Porém não bastaria aplicar métodos que as hierarquizam, como por exemplo o proposto por Silvio Gallo, no qual a “dinâmica” (sensibilidade) é posta como via de acesso para a discussão conceitual (racional), uma vez que ainda se estaria a operar de modo dicotômico. Seria preciso unir o que a educação tradicionalmente separou, trabalhando a um só momento a compreensão e a sensibilidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tarefa de expor os fundamentos da compreensão, Heidegger não partirá de um ‘saber imediato’, isto é, de uma abertura que desde seu ponto originário já compreende os objetos ao seu redor, mas do humor, em uma espécie de abertura do homem como um ente que é, sem no entanto determinar o seu de onde e para onde. O humor é uma abertura anterior a toda forma de conhecimento e vontade e se situa além da abertura do ser-aí (homem), estando sempre além de qualquer intuição. No entanto, o humor não é o único ponto de sustentação do “lugar” do ser (ser-aí), a compreensão se mostra como igualmente originária nesse fenômeno, pois, de acordo com Heidegger:

“toda disposição sempre possui uma compreensão, mesmo quando a reprime. O compreender está sempre afinado pelo humor”. (HEIDEGGER, 2012. p. 202)

Por ser um dos modos da existência, o compreender conserva o caráter desta enquanto abertura às possibilidades de ser-no-mundo em sua totalidade, porque abre as coisas, os outros seres-aí e as possibilidades de ser junto a esses. Porém, não se trata de possibilidades indiferentes, mas da capacidade de transcender a si mesmo pelo projetar-se, uma vez que o ser-aí já está sempre disposto em certas possibilidades. O discurso é trazido como uma estrutura igualmente originária, tal qual as duas anteriores. Se trata da “articulação da compreensibilidade” (HEIDEGGER, 2012. p. 223), da pronúncia daquilo que é compreendido, cujo sentido advém do próprio compreender que gera o sentido na palavra.

No caso desta oficina, a compreensão que se dá pela via ontológica, da percepção do ser de cada um dos momentos, é acompanhada pela dimensão

estética, trabalhada pela forma de expressão do desenho. Cada elemento constitutivo do ser humano é evidenciado pelos próprios participantes através do fazer artístico (desenho), possibilitando a percepção de si, em si e para si, esta última pelo compartilhamento dos desenhos entre os participantes. Por fim, a partir da reflexão do eu pensa-se a questão do outro como um ser complexo também composto de corpo, alma e espírito, habitante de uma dimensão da qual também fazemos parte.

A oficina foi elaborada para ser executada em etapas sequenciais, onde um momento leva ao outro de forma construtiva. Os materiais mínimos necessários para cada participante é uma folha de papel em branco e um lápis. Quanto aos momentos constitutivos: (1) Inicialmente há uma de apresentação e introdução geral ao propósito da oficina, evitando especificar os momentos, para criar a expectativa necessária à sensibilização pretendida. Neste momento é solicitado aos participantes dividam a folha em três partes. (2) Após a breve apresentação os participantes são convidados a realizar um autorretrato a partir de desenho. Oicineiro induz os participantes a representarem o físico (corpo) utilizando-se de frases como: “desenhem o que veem quando se olham no espelho” ou “se desenhem como se fossem o colega quem os estivesse desenhando”. (3) Com a primeira rodada de desenhos prontos é aberto o momento de conversa e discussão dos desenhos feitos, onde cada um pode expor e explicar o porquê de seu desenho. (4) Em seguida, o icineiro indica que para a tradição filosófica não somos seres compostos apenas de matéria, tendo um lado sensível que se dá em paralelo a esta. Por isso, convida os participantes a realizarem um novo desenho, enfocando o aspecto sensível de cada um (alma). (5) Novamente é aberto o momento de discussão e apresentação dos desenhos, mas desta vez sobre a alma. (6) Após a conversa o icineiro indica que para a tradição filosófica também seríamos compostos de uma razão (espírito), convidando os participantes a uma última rodada de desenhos para a referida parte. (7) Por fim, é aberta a última rodada de discussão e apresentação de desenhos.

As etapas de produção são permeadas por questões que justifiquem e relacionem a realização de cada uma, tais como “É possível pelo corpo expressar quem somos?”, “É possível saber quem somos?”, “É possível conhecer o outro?”. A produção artística não pode estar dissociada da fundamentação filosófica manifestada durante a oficina, evidenciando o problema filosófico do que o corpo compreende segundo as perspectivas ontológicas e estética para um público variado e não-filosoficamente informado.

Após todas as etapas se dá o encerramento sob a forma de um momento reflexivo: o icineiro indaga se foi um processo difícil ou não, apontando para o fato de que a complexidade sentida pelos participantes individualmente pode ter sido sentida por todos os demais. Chama a atenção também para o caráter universal dessa forma de conceituação, o que torna impossível interpretar todas as pessoas do mesmo modo, e que, portanto, explicita uma profundidade do outro que muitas é ignorada na cotidianidade. O outro, muitas vezes, se torna um objeto no interior dos nossos contextos pessoais, sendo compreendido como favorável ou não à realização das atividades que nos propomos conforme nosso modo de disposição (humor). Reconhecendo essa interpretação humana tripartite em si próprio, fica facilitado o processo de projeção no outro, estabelecendo uma forma de vínculo reflexivo que abre o observador para o respeito e à tolerância.

Os resultados da oficina pareceram positivos em todas as aplicações, tendo os participantes expressado os mais diversos afetos ao longo de cada etapa. Os comentários feitos sobre os próprios desenhos ilustraram a dificuldade de pensar a si mesmo, bem como a surpresa pelos resultados alcançados, principalmente

quando cotejados com o que fora produzido pelos colegas. Um horizonte de respeito mútuo pareceu envolver cada participante, dado que todos ouviam com atenção e interesse a apresentação a fala de cada colega, talvez por todos se sentirem na mesma condição de exposição. Durante a fala final doicineiro se tornou nítido o impacto das provocações que envolviam o outro dentro do contexto antropológico abordado pela oficina, com alunos se entreolhando estarecidos e nitidamente tocados, alguns até exclamando sua surpresa. Esse conjunto de impressões doicineiro foi confirmado pelos relatos trazidos nas fichas de avaliação de atividades, em que os alunos relataram brevemente a experiência e opinaram sobre a atividade.

4. CONCLUSÕES

O intuito original da proposta não se restringiu apenas sob o aspecto filosófico e artístico, mas sobretudo na exaltação da vida como um exercício da existência. O existir acompanha o fazer que produz pensamento. Pensar e fazer: eis o ato originário do ser-humano. Impõe sobre este exercício de existência, (re)conhecer a si mesmo no outro e os limites que a relação social nos cerca. A oportunidade de levar esta proposta para o contexto do ensino médio possibilitou ampliar o horizonte do próprio fazer filosófico, numa tarefa dupla de ensino e extensão superar os muros estreitos e largos da academia. Não foi apenas o compromisso acadêmico que nos motivou para tal empreitada, mas a própria responsabilidade social com o conhecimento nas veredas da circunstância escolar.

Assim, foi no espaço propício da escola e da relação aluno-professor que tal proposta fez sentido. Busca-se ademais continuar no ato do filosofar e do ensino de filosofia a resposta que todo aluno tem em potência no desenvolvimento de sua autonomia: o conhecimento. A formação do aluno passa necessariamente pela contingência da compreensão do professor, e o desenvolvimento do professor no chamado silencioso que o aluno aguarda no processo formativo. É neste horizonte que a oficina buscou encontrar um caminho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTAR, E. C. B. **Curso de filosofia aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Barueri: Manole, 2003.

GALLO, S. **Metodologia de Ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio**. São Paulo: Papirus Editora, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, 7 ed., Petrópolis: Vozes, 2012.

JOBIM, A. D.; SÁ, D. G. Ser e fazer: o que o corpo compreende?. **XI OLIMPÍADA DE FILOSOFIA DO RIO GRANDE DO SUL 2018**. Pelotas, 2018.